

# Cadernos Espinosanos



**ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII**

n. 46 jan-jun 2022 ISSN 1413-6651

IMAGEM detalhe da escultura de Descartes presente  
na fachada do Museu do Louvre, artista Gabriel Joseph Garraud.

A *MAQUIAVELANAS*, DE SÉRGIO CARDOSO

Ricardo Polidoro Mendes<sup>1</sup>

Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

ricardo.polidoro.mendes@usp.br

O livro *Maquiavelianas: lições de política republicana* (Editora 34, 2022) de Sérgio Cardoso, que vem agora à luz, é fruto de um longo período de estudos e reflexões no qual o autor consolidou sua interpretação em diálogo com diferentes intérpretes. Filiando-se à leitura de Claude Lefort, Cardoso passa por questões e conceitos centrais da obra maquiaveliana –, como o conflito, o regime misto, a *virtù* – para mostrar como o florentino se distancia tanto da tradição antiga do pensamento político ocidental quanto de seus contemporâneos e abre uma trilha para a Modernidade do pensamento político por meio da centralidade do conflito político e do papel do povo. Assim, o livro de Cardoso, ao mesmo tempo em que retoma a matriz lefortiana, também consolida uma tradição brasileira de interpretação de Maquiavel.

1 “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001”.

Por um lado, ao reconhecer no povo o sujeito político que produz as leis e promove a vida livre, Cardoso segue os passos da matriz lefortiana e mostra sua importância para se pensar a liberdade e a lei em uma república. Em oposição aos grandes, que desejam dominar, o povo expressa um desejo puramente negativo de não ser dominado, um humor que forma universais políticos que se colocam acima de quaisquer pretensões particularistas e, assim, instituem o lugar vazio do poder. Assim, segundo o filósofo brasileiro, a verdadeira república não é aquela governada por pessoas, mas pelas leis, e estas só têm validade na medida em que expressam o desejo do povo, a recusa da dominação. Na trilha de Lefort, Cardoso mostra, portanto, que lei, liberdade e povo estão intrinsecamente vinculados em uma cidade verdadeiramente livre.

Por outro lado, ao perseguir a via aberta pelo comentário de Lefort, Cardoso adentra águas e terras desconhecidas para inaugurar novas vias de leitura da obra de Maquiavel. Tendo passado pelo *Príncipe* e pelos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* na primeira parte de seu livro, na segunda parte, o autor se dirige às *Histórias de Florença* para investigar a expressão do conflito e do desejo popular na cidade natal de Maquiavel. Esse passo revela as dificuldades da ação política e da construção da liberdade, pois, se no caso de Roma o desejo popular, em sua desunião com os grandes, promoveu leis e ordenações em favor da liberdade, em Florença a corrupção do conflito e a criação de facções degenera a vida civil florentina e impossibilita a conquista da liberdade. Desse modo, Cardoso revela a diferença entre uma cidade que vive sob o governo das leis – aquelas que expressam o desejo do povo – e aquela na qual uma parte luta para governar acima das outras, ou seja, tenta ocupar o lugar do poder.

Assim, filiado à matriz lefortiana, Cardoso dá continuidade à interpretação do filósofo francês ao mesmo tempo que trilha sua própria leitura, como mostra a terceira e última parte do livro, um texto em que o filósofo brasileiro discute a abertura para a Modernidade a partir de Maquiavel e Montaigne, esse último uma outra grande referência em seus estudos. No entanto, o trabalho de Cardoso não se realiza apenas mediante o contato com autores clássicos da tradição do pensamento político ocidental, tampouco apenas com Lefort, mas também com diversos intérpretes da obra maquiaveliana, sobretudo brasileiros e brasileiras. A introdução do professor Newton Bignotto e os textos dos professores José Luiz Ames e Helton Adverse que compõem *Maquiavelianas* dão prova desse diálogo intenso e rico de Cardoso ao longo dos anos que promoveu tanto a publicação do presente livro e fortaleceu a formação de uma tradição de leitura da filosofia de Maquiavel no Brasil. Com efeito, para além dos intérpretes já citados acima, Cardoso também dialoga com Silvana de Souza Ramos, Patrícia Aranovich, Alberto Barros, Flávia Benevenuto, Luís Falcão, José Antônio Martins, dentre outros professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, o que mostra não apenas a preocupação do filósofo brasileiro em interpretar o texto, mas de fazê-lo em diálogo com seus contemporâneos.

O trabalho da obra maquiaveliana, então, permanece vivo, e *Maquiavelianas* é uma etapa fundamental da tradição de leitura do autor florentino.

\*\*\*

A publicação de uma resenha de um livro sobre Maquiavel em uma revista do século XVII pode parecer deslocada. Esse estranhamento, porém, se

dissipa quando consideradas as circunstâncias: Maquiavel abriu um campo de pensamento para a política moderna e contemporânea que ainda não se fechou. Ao contrário, os escritos do autor sempre suscitaram novas leituras e interpretações, como Espinosa assinala ao se referir ao *agudissimo florentino* em seu *Tratado político*. Em um desses momentos, no último parágrafo do capítulo 5, o filósofo seiscentista lembra que Maquiavel foi a favor da liberdade.

Ora, é esse mesmo reconhecimento que se faz aqui, nessa resenha, ao professor Sérgio Cardoso, tanto pelos seus estudos, pelos diálogos com pesquisadores e pesquisadoras, quanto pela docência, pela qual formou tantos de nós. Esta resenha é uma forma de agradecer-lhe e de homenageá-lo pela sua contribuição aos estudos maquiavelianos e por sempre nos lembrar que o povo é o fundamento da liberdade.